



Cenário Amazônico estetizado: uma análise do estilo metapoético na poesia de Paes Loureiro

Aestheticized Amazonian scenario: an analysis of the metapoetic style in Paes Loureiro's poetry

Raphael Bessa Ferreira

<https://orcid.org/0000-0002-1433-5640>

Resumo: O presente trabalho se propõe a analisar a reflexão metapoética imbuída em alguns poemas do livro *Artesão das Águas* (2014), do poeta e teórico paraense João de Jesus Paes Loureiro, de modo a averiguar tais discussões referentes à poética do autor. De forma específica, serão analisadas as imagens do cenário amazônico, bem como as recorrências de temas que incidem sobre a personificação da criação poética, no intuito de averiguar como o poeta se vale desses elementos para discorrer acerca da própria poesia. Para isso, é essencial refletir sobre metapoesia com a obra de Octávio Paz (2012), Agleice Gama (2011), Geraldo Cavalcante (2012), dentre outros, para compreender melhor o estilo do autor, baseando-se ainda na ideia de que a poesia loureiriana é marcada pela transcendência da matéria da cultura amazônica quanto ao fazer poético, o que faz reverberar toda uma gama de reflexões sobre a tarefa produtiva da poesia. Por fim, os ensaios do próprio Paes Loureiro (2001a; 2001b; 2001c) darão suporte para tal pesquisa, almejando-se compreender a reflexão sobre o fazer de poesia na obra deste autor.

Palavras-chave: Paes Loureiro; *Artesão das Águas*; Metapoesia; Cenário Amazônico.

Abstract: This paper aims to analyze the metapoetic reflection embedded in some poems from the book *Artesão das Águas* (2014), by the poet and theorist João de Jesus Paes Loureiro, in order to investigate such discussions regarding the author's poetics. Specifically, the images of the Amazonian scenery will be analyzed, as well as the recurrence of themes that affect the personification of poetic creation, in order to investigate how the poet uses these elements to discuss poetry itself. To this end, it is essential to reflect on metapoetry with the work of Octávio Paz (2012), Agleice Gama (2011), Geraldo Cavalcante (2012), among others, to better understand the author's style, based on the idea that Loureiro's poetry is marked by the transcendence of the material of Amazonian culture in terms of poetic creation, which causes a whole range of reflections on the productive task of poetry to reverberate. Finally, Paes Loureiro's own essays (2001a; 2001b; 2001c) will support this research, aiming to understand the reflection on the creation of poetry in this author's work.

Keywords: Paes Loureiro; *Artesão das Águas*; Metapoetry; Amazon Scenario.



INTRODUÇÃO

A investigação acerca da metapoesia tem se tornando cada vez mais recorrente dentro das discussões acerca da criação literária, havendo, portanto, já alguns estudos sobre esta temática no âmbito da crítica literária, tendo em vista que desde o século XX tem-se produzido de forma intensa esse tipo de obra por parte dos escritores. Exemplo disso são, no Brasil, as obras de Manoel de Barros, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral, Max Martins, Age de Carvalho, dentre outros, com suas inúmeras poesias metapoéticas. Em contexto estrangeiro, pode-se citar os casos de Ezra Pound, T.S. Eliot, E.E. Cummings e Paul Celan, por exemplo.

Não por acaso, a modernidade tem como característica marcante a metapoesia, também conhecida como a poesia que explica a si mesma. Afinal, Eliot já afirmava que “O século da crítica é também o século da poesia” (Eliot, 2015, p.30); o momento a que o poeta londrino se refere é o tempo moderno, no qual a poesia passou a ser vista de forma lúcida pelo artesão da palavra, como ainda no século XIX havia sido postulado por Baudelaire. Ou seja, a partir de então, o trabalho com o poético passou a debruçar-se sobre si, ensejando, inclusive, uma crítica de si mesmo ou voltado para a problemática de sua própria produção.

Lima (1982, p.98) afirma que “A poesia dos tempos modernos deixa de ser lamentos e soluços vãos, destituídos completamente de conteúdo real”. Ou seja, “A poesia se nutre do cotidiano” (Lima, 1982, p.98), o que, na modernidade, revela que a poesia passa a ser olhada de outra forma, já que o poeta cria a partir da vivência real, e não simplesmente pela força inspiradora e devaneios.

João de Jesus Paes Loureiro, escritor paraense nascido em Abaetetuba, poeta, ensaísta, escritor, teórico e professor, também produz uma poesia crítica com fruição acerca da problemática da metapoesia, apresentando muitos rastros desta questão na literatura contemporânea brasileira. Sua poesia é marcada pela transcendência da matéria da cultura amazônica quanto ao fazer poético, o que faz reverberar toda uma gama de reflexões sobre a tarefa produtiva da arte da palavra.

Paes Loureiro, por meio do contexto de seu *locus* amazônida, tece a poesia usando da vivência para apresentar uma *poiesis* mergulhada naquela cultura. O autor problematiza o percurso da criação artística como aquilo que brota da realidade, não se omitindo dela como mero escapismo idílico, mas ao modo de fazer da poesia uma viragem daquela matéria real, de contexto amazônico, pois

sua criação não apenas expressa o local no plano da forma, em efeito mimético, mas torna a Amazônia matéria prima de si própria na poesia.

Pode-se dizer que as obras de Loureiro exprimem uma essência amazônica que lhe é íntima, onde a natureza, para o autor, não é somente uma força inspiradora ou mera matéria de impressões, mas é a própria matéria de criação, tal qual o artesão que, ao criar seus objetos, tira daquela matéria sua obra. Assim, nos poemas loureirianos se plasmam os encantos da cultura amazônica, mas transcendendo o próprio fazer poético na poesia, usando da matéria prima que é a natureza, os rios, o pescador, o navegante, as plantas, os seres das encantarias submersos nas águas amazônicas, etc. Ou seja, toda uma cosmovisão de amazonicidade que extrapola as noções de regionalismo e de localismo.

Assim, a presente pesquisa pretende analisar as obras de Paes Loureiro, levando em consideração seu estilo literário, a fim de constatar a escrita metapoética em suas obras. Para isso, se fez necessário utilizar diversas teorias que auxiliam na compreensão deste procedimento. Será analisado a obra de

Paes Loureiro intitulada *Artesão das águas* (2014), tendo ainda como suporte alguns ensaios do próprio poeta, tais como o pensamento estético contido nos ensaios do autor (2001a; 2001b; 2001c) e na sua tese, intitulada *Cultura Amazônica – uma poética do imaginário* (2015).

É ainda de fundamental importância neste trabalho traçar uma reflexão acerca da modernidade, época do surgimento de pensamentos voltados à metapoesia. E, para falar disso, utilizou-se diversas obras, tais como Octávio Paz, com *O arco e lira* (2012); Agleice Gama, com a obra *Metapoesia em Age de Carvalho* (2011); Geraldo Cavalcante, com *A herança de Apolo* (2012); Hugo Friedrich, com a *Estrutura da lírica moderna* (1978); e Modesto Carone, com *A poética do silêncio – João Cabral de Melo Neto e Paul Celan* (1979).

Isto posto, se divide a pesquisa em 3 momentos: na primeira seção, “A metapoesia e a modernidade”, serão discorridas as principais questões legadas pelos poetas e teóricos da lírica moderna acerca da chamada metapoesia; no segundo momento, “Pelos rios amazônicos reverbera-se a especulação do poético”, será analisada a obra *Artesão das Águas* (2014), de Paes Loureiro, no intuito de se problematizar como a obra do escritor aborda aspectos questionadores acerca do processo de criação poética, ensejando, para tanto,

uma *poiesis* que debruça-se sob si mesma, numa clara visão autoconsciente de seu artifício; por fim, nas “Considerações Finais”, serão corroboradas algumas das principais hipóteses já aqui esboçadas, com vias a não encerrar tal discussão, mas a ampliar tanto os argumentos contrários quanto os válidos aos possíveis rumos da presente pesquisa.

A METAPOESIA E A MODERNIDADE

A modernidade trouxe consigo uma originalidade poética já discutida por muitos autores desde o século XIX, dentre eles Charles Baudelaire, autor francês reconhecido como o pai da lírica moderna; Mallarmé, poeta marcado por uma poesia que se mostra lúcida e ao mesmo tempo obscura; e Edgar Allan Poe, autor americano também marcado por uma poesia um tanto inovadora para seu tempo, já com traços modernos claramente balizados em sua escrita lírica.

O discurso acerca de uma chamada lírica moderna perpassa pelos muitos pensamentos a respeito da criação poética que veio à tona no influxo da chamada modernidade, marcando uma certa desarmonia, ou dissonância, na lírica pretérita, ainda de viés clássico, tal como afirma Friedrich “‘A poesia pode comunicar-se, antes de ser compreendida’, observou T.S Eliot em seus ensaios. Esta junção de incompreensibilidade pode ser chamada de dissonância, pois gera uma tensão que tende mais à inquietude que à serenidade” (Friedrich, 1978, p.15). Essa dissonância, segundo o autor, é marcada por formas místicas, arcaicas e ocultas, entrando em contradição com a racionalidade e a simplicidade da forma com que são expostas no poema; ou seja, o conteúdo da poesia é obscuro, mas a forma com que é exposto este conteúdo é clara. Daí, não por acaso, alguns críticos nomearem este tipo de produção como hermética. Outra característica peculiar deste tipo de lírica, de acordo com Friedrich (1978), é a despersonalização, fator vital para a clareza que subjaz à linguagem poética, fazendo-a assumir um feitiço mais racional e intelectualizado, tendo em vista que o “eu-lírico” era um representante dos sentimentos, enquanto que o ente moderno passa a adquirir uma intelectualidade poética, manobrando a língua. Como afirma Friedrich: “Com Baudelaire começa a despersonalização da lírica moderna, pelo menos no sentido de que a palavra lírica já não nasce da unidade de poesia e pessoa empírica, como haviam pretendido os românticos, em contraste com a lírica de muitos séculos anteriores” (Friedrich, 1978, p. 36-37).

Seguindo este raciocínio, a poesia seria fruto não mais de uma força inspiradora, mas sim de uma atuação lúcida: a fantasia como fruto do intelecto, juntamente com a sensibilidade e percepção do poeta. Diante disso, afirma Modesto Carone:

A poesia lúcida tem fundamento em poetas como Edgar Allan Poe, que considera a inspiração uma vaidade de quem cria, como Charles Baudelaire, para quem o conceito de criação advém do intelecto, como Mallarmé, pra quem a poesia não nasce mais é feita. (Carone, 1979, p.113).

Com isso, cabe ponderar que a modernidade trouxe consigo novas maneiras de se fazer poesia, ou, concordando com a afirmação de Esteban (1991, p.3), de que a poesia mudou a noção de modernidade, já que trouxe uma nova roupagem para esta. Na lírica moderna já não há mais uma poesia que nasça ou surja do nada, mas que passa a existir sendo trabalhada de modo autoconsciente, gerada e modelada intelectualmente pelo poeta.

Diante de tantas perspectivas a esse respeito, é justamente deste leque de reflexões que nasce uma singularidade poética, uma vez que se busca a poesia

racional e articulada. Acerca disto, Gama afirma que:

Nesse sentido, é possível afirmar que uma reflexão acerca do emprego da linguagem no poema não poderia deixar intocada a metalinguagem: o uso do código para explicar o próprio código, que corresponde, neste trabalho, a metapoesia, a poesia que fala de si mesma e expõe suas formas. (Gama, 2011, p.26).

Dessa forma, entende-se por metapoesia a arte que explica a própria arte, ou a poesia que fala da poesia. Diante desses fatores da modernidade, esse novo estilo poético, segundo Gama (2001), amplia as possibilidades de interpretação do poema, uma vez que revela não a realidade externa e contextual, mas sim o complexo processo da criação poética. A metapoesia possibilita ao leitor compartilhar com o poeta a sensação de criação da poesia. Gama (2001, p.26) assegura que o recurso metapoético é característico da modernidade, pois abre uma nova realidade ao leitor, uma realidade própria do poema e não mais da sociedade, como acontecia antes - quando a realidade do tempo era a fonte do material poético, enquanto que hoje a poesia que fala de si mesma mostra ao leitor outra realidade.

Para Gama (2001, p.26), um metapoema possui dois níveis discursivos: o primeiro nível se forma pelo próprio poema, enquanto que o segundo trata da

reflexão do poema ruminando sua natureza, e isso se dá de forma simultânea. Se torna perceptível nesta afirmação que o conteúdo poético é a própria criação poética, ou seja, a poesia que tem como conteúdo sua própria natureza, fazendo do leitor um cúmplice na contemplação da poesia, retirando, assim, a sacralização da composição poética, antes vista como algo inatingível.

Levando em consideração o hermetismo da lírica moderna, conforme enfatiza Barbosa (1974), pode-se dizer que o poeta se torna dependente do leitor, tendo em vista que este fará parte da decifração da linguagem poética. Barbosa ainda afirma que, aparentemente, o leitor é desprezado pelo poeta, levando em consideração a difícil compreensão da obscuridade de seus poemas. Porém, o que ocorre é o contrário, pois o poeta se aproxima do leitor na interpretação e afinidade quando promove uma poesia que se mostra àquele que a lê, solicitando-lhe participação incessante para que seja decifrada.

Os tempos modernos trouxeram consigo as marcas de um tom frenético do qual emanam as práticas desenvolvimentistas da técnica e da ciência, e que, posteriormente, redundaram no paradoxo da desumanização, estado no qual o homem se vê diante de uma rotineira existência, propagada pelo ideal de uma sensação de contínuo progresso *ad infinitum*, ainda que inversamente proporcional às soluções dos problemas mundanos. Diante disso, Octávio Paz (2012, p.52) afirma que “o poema hermético proclama a grandeza da poesia e a miséria da história”, com isso entende-se que a poesia da modernidade proclama a grandeza, mesmo que a história esteja em decadência, uma vez que a poesia falará de si mesma e estará sempre em seu nível. Para o autor mexicano, as sociedades podem decair, porém a poesia “não progride nem decai. Decaem as sociedades” (Paz, 2012.p.52). E esse certo distanciamento da poesia com a realidade se torna necessário, conforme Gama (2011, p.27), uma vez que para se ver a poesia em si mesma, ou seja, em sua linguagem, esta precisa deixar de ver a realidade do mundo.

Com isso, entende-se que nem sempre a poesia deve ser um reflexo da sociedade, pois a fragilidade do mundo não implica na decadência das artes. Em virtude disso, Paz (2012) enfatiza que “os poetas difíceis ou herméticos não são mais elevados pela sua arte de difícil compreensão, são as sociedades que estão em baixo nível”, justamente pelo fato de que a arte falará de si mesma e não da decadência histórica. A arte não se elevou, a sociedade que decaiu.

O poeta “não escolhe suas palavras” (Paz, 2012, p.53), elas já fazem parte de seu ser. Para o autor, o poema é influenciado pela linguagem social, no entanto,

a palavra passa por um processo, deixando de ser palavra social e tornando-se a palavra de um poema. Mas, como sabe-se, a palavra do poema faz parte do poeta e de sua imaginação, ele não a escolhe, posto a palavra já estar contida nele, “a palavra do poeta confunde-se com seu próprio ser. Ele é a sua palavra” (Paz, 2012, p.53).

Subentende-se que o que é afluente no processo de criação poética são as palavras advindas do interior do poeta, e não de fora, podendo-se afirmar que o poema é um espelho das profundidades daquele que o cria. Para Paz (2012, p.53), na criação do poema “aflora à consciência a parte mais secreta de nós mesmos”. Com isso, é considerável que cada palavra de um poema possui muita importância, pois elas estão ali não simplesmente para explicar algo, mas para expressar, já que todas elas possuem uma carga de expressividade para o poeta.

Paz (2012, p.53) assegura ainda que as palavras de um poema são deveras necessárias, ou seja, são insubstituíveis, sendo únicas e estando ali com um papel fundamental. Em virtude disso, não se pode mudar as palavras de um

poema, pois são elas inamovíveis e insubstituíveis, já que não há sinônimos para elas. De acordo com o autor mexicano, nenhuma vírgula pode ser mudada de posição, pois todas elas possuem significados específicos pelo fato de cada uma estar ali com uma carga específica de expressividade.

Por isso os poemas são incorrigíveis, tendo em vista que não se pode alterar sequer um vocábulo sem toda a obra e recriá-la do zero, “um voltar pelo mesmo caminho para dentro de nós” (Paz, 2012, p.53). A única forma de correção de um poema é a recriação, pois ele possui uma completude, não havendo como alterar uma parte se não mudá-lo inteiramente. Isso tudo demonstra todo o mérito de cada palavra que compõe o corpo do poema, e a riqueza de expressões, uma vez que elas proporcionarão ao leitor variadas interpretações, carregando consigo diversos significados, lembranças, expressões, sentidos, etc.

PELOS RIOS AMAZÔNICOS REVERBERA-SE A ESPECULAÇÃO DO POÉTICO

O poeta João de Jesus Paes Loureiro tece muitos questionamentos acerca da criação poética, tomando o *locus* amazônida como mote de suas reflexões. Pode-se dizer que Paes Loureiro, sendo considerado um dos poetas e ensaístas mais destacados da literatura paraense contemporânea, pôde contribuir de forma muito eficaz para o estudo da crítica literária destes tempos, além de trazer um olhar teórico para sua própria poesia, tendo em vista que o autor é também teórico de estética.

Paes Loureiro entende a poesia como encantaria da linguagem. Em seu ensaio “A poesia como encantaria da linguagem”, o autor cria uma grande reflexão nesse sentido. Para ele, a linguagem seria esse rio no qual o marinheiro navega em busca das palavras encantadas submersas no rio da linguagem, “O poeta é marinheiro, precisa ser nauta experiente, passa por entre os escolhos, enfrenta os monstros marinhos, corta ondas encapeladas, atravessa ventos contrários e tempestades” (Loureiro, 2001b, p.275). Com isso, nota-se que o poeta compara

a criação da poesia com ato do navegante em suas andanças pelas águas, sempre em busca de algo. Assim também é o poeta, que navega no rio da linguagem para criar sua poesia.

Loureiro busca falar nos seus poemas sobre o próprio ato de fazer poesia, fenômeno intitulado de metapoesia, ou a poesia que expõe suas próprias formas. A natureza, nesse contexto, possui um papel interessante, pois, para Loureiro, ela é muito mais que uma simples inspiração, sendo sim a própria matéria prima, visto que, assim como o artesão tece seus objetos e o pescador tira o peixe do fundo do rio, o poeta tece o poema com as palavras e também pesca do rio da linguagem as palavras encantadas. Assim como o rio se torna encantado pelos seres míticos, que estão submersos em seu fundo e encantam as pessoas, a poesia deve também encantar, já que é criada com palavras encantadas, advindas do rio da linguagem.

O poeta afirma que o poema por si só já revela sua forma de criação por meio da poesia: “Todo poema revela uma forma de teoria da criação. Todo poeta produz poemas que, por sua vez, constituem a sua poética em movimento” (Loureiro, 2001a, p.319). Com base nisso, entende-se que o próprio poema em si já é uma teoria da gênese poética, pois todo poema expressa por si mesmo sua feitura, sua criação. Em uma entrevista concedida ao programa Circuito, da

Se torna evidente que o poeta está falando também da *poiesis*, e não somente de um rio, quando observa-se o verso “palavra após palavra”. Aí, tem-se elementos da linguagem, no caso a “palavra”, e não apenas a figurativização da natureza. Esse verso também está deslocado ao lado oposto a outros versos, expressando o movimento das ondas, no vai e vem contínuo das águas; o que promove ao poema todas essas quebras, ou ondulações, de modo a criar a imagem do rio corrente e das ondas em incessante movimentação. Com tais recursos, nota-se a poesia em movimento, tendo no uso do espaço gráfico da página o mote para a representação simbólica de uma configuração típica da vida amazônica, principalmente aos nativos de áreas fluviais, os ribeirinhos: a vida regida pela mobilidade das marés.

O autor se vale de uma perspectiva amazônica/ribeirinha típica da sua região para demonstrar que as palavras são como as ondas dos rios, onde o poeta se arrisca, navega e percorre o manancial da página, de modo semelhante a um navegante das águas da grande bacia do Amazonas, como pode ser constatado no verso “nauto-me, navego-me, arrisco-me”. Em um dos seus ensaios, Loureiro (2001a) compara o poeta a um navegante, afirmando que o criador de poesia é um marinheiro, enquanto que a linguagem é o rio por onde se navega a fim de pescar as palavras encantadas dos poemas.

Em virtude disso, Gama (2011) afirma que um metapoema possui dois níveis discursivos: o primeiro seria o que se “sabe por poema”, sua constituição primeira; enquanto que o segundo seria a discussão de sua gênese, ou seja, quando suas reflexões se dão em torno de sua própria criação. As poesias de Loureiro mostram por diversas comparações e personificações o que é a criação poética. A poesia vai se revelando por meio das metáforas usadas pelo autor. Quando Loureiro aplica essa visão amazônica para fazer analogia à poesia, ele está mostrando a teoria poética, ou o primeiro nível discursivo, que é o próprio poema em si; enquanto que, num segundo momento, o seu conteúdo mostra-se sobre o que é a poesia.

Loureiro assegura que o fazer poético provoca no leitor a dissolução do próprio homem na linguagem do poema, depois da fusão do homem com o mito e a natureza (Loureiro, 2001c, p.310), mostrando, para isso, que o homem se torna parte da poesia, se dissolvendo nela. O homem vai se dissipando na linguagem do poema, se fundindo com a natureza de modo a identificar-se com o meio em que vive. Por conta desta fusão, o homem se dissolve na sua poesia, como pode ser visto em um verso do poema “Poética” (2014), quando o poeta usa de lexias

que remetem à natureza e ao universo amazônico, mesclando-as a elementos poéticos no intuito de corroborar a sua criação:

[...] o cipoal entranhado em consoantes
 a farta piracema das metáforas
 tantos signos que vem maré montante
 arrebatados ao vento de altos mares
 tudo isso recolho nas tarrafas [...] (Loureiro, 2014, p.52).

O cipoal traz a ideia da abundância de cipós, e, ao mesmo tempo, do embaraço das consoantes, enquanto a “farta piracema de metáforas” revela a grande quantidade de significados, sentidos e comparações que surgem na “maré montante”, ou na maré alta, que, durante sua cheia, traz à tona muitos sentimentos. A maré é retratada como personificação dos sentimentos do poeta; demonstrando, com isso, todo o fazer poético do autor quando este se depara com os muitos sentidos a querer expressar na sua poesia, retomando o que assevera Octavio Paz: “no momento da criação aflora à consciência a parte mais secreta de nós mesmos” (Paz, 2012, p.53).

O autor se utiliza dos elementos da cultura amazônica para expressar a sua criação “poética” – como sintetizado no próprio título do poema – comparando a arte como farta piracema, remetendo à abundante reprodução dos peixes a imagem das metáforas contidas no coração do poeta, e que estão prestes a vibrar no poema.

De mesmo modo, há a figura do pescador, que recolhe nas tarrafas os peixes, que, depois de passarem por muitos cipoais, correndo inclusive o risco de se perderem no labirinto de cipós, remetem à imagem do poeta, que recolhe do labirinto de si a poesia, assemelhando-se ao que Octavio Paz assegura sobre o poeta não procurar as palavras na rua ou nos mercados, e sim “indeciso, [que] vacila entre as palavras que realmente lhe pertencem, as que estão nele desde o começo” (Paz, 2012, p.53).

E, assim, mesmo que embaraçado nas consoantes, o poeta, igual ao pescador confuso em meio a piracema das metáforas e sentimentos que surgem na maré montante, pesca suas palavras de dentro de si e tece o poema. Aqui, mais uma vez, o poeta se utiliza da poesia para falar da criação de poesia. À vista disso, Gama afirma que “o emprego da metalinguagem no poema amplia o rol de possibilidades temáticas e ainda revela a maneira como o poeta vê e sente o

poema” (Gama, 2001, p.26). A criação poética de Loureiro possibilita ao leitor a percepção de como o poeta sente a sua poesia, deixando àquele que lê o poema participar da sua criação, como afirma o próprio Loureiro: é a teoria da criação revelada no poema, a “sua poética em movimento” (Loureiro, 2001b, p.275).

A temática do rio enquanto espelho, já discutida em outro momento deste artigo, constitui ponto de reflexão constante do poeta ao longo de *Artesão das águas*. Afinal, Paes Loureiro (2001b, p.284) entende ser a linguagem “um rio-corrente, espaço de navegação do poeta e do ser, ao lado das funções práticas que as constituem como linguagem informativa (representação, expressão e apelo)”. Retomando muito do legado de Bachelard (2013), para quem o rio é lugar onde a água é água por excelência, Loureiro esboça um panorama poético no qual as águas amazônicas deixam-se expressar por ares meditativos, embaladores, e não apenas contemplativos, numa clara constatação daquilo que o autor chama de “epifanização das águas” (Loureiro, 2015, p.262). Nota-se tal aspecto no excerto abaixo, oriundo do poema “Estamos aí”:

Caras-pintadas
estamos aí,

diante dos espelhos do tempo e desse rio
de líquida linguagem.
Desse rio raiz do mar,

garçal de arcanos. (Loureiro, 2014, p.67)

12

A interpretação da natureza amazônica e do recurso hídrico primordial daquele bioma, a água, resvala no poema uma atitude de admiração do homem, ou do poeta, com aquele *locus* pluvial. A “líquida linguagem” que balouça no limiar do espelho-leito do rio contextualiza a atitude devaneante da água enquanto recurso temático do texto literário, e que subjaz o plano expressivo da obra ao abolir uma aparência denotativa para angariar fundamentos estetizantes, quase místicos, posto que a contemplação estética é inerente ao fluir do tempo. Sobre isso, Loureiro afirma ser a ambiência do poeta com o rio a “chama de uma contemplação ativa, instantânea, que ilumina o fazer poético – esse instante absoluto do ser” (Loureiro, 2001a, p.324).

Na “Cantiga de amiga – *opus* I”, observa-se que as vogais e consoantes constituem não apenas elementos sonoros e gráficos constitutivos da língua, como também, *mutatis mutandis*, signos representativos do conjunto espacial amazônica:

Meus cabelos
 desembaraçados pelas ondas,
 entre as palavras do poema,
 entranhavam-se de piabas
 pedacinhos de lua
 consoantes e vogais...
 Melodias soavam nas encantarias
 e vinham de remotas maiandeuas... (Loureiro, 2014, p.60)

Ora, o jogo entre real e imaginário, que aqui constitui procedimento basilar para a composição do poema, revela a ambivalência da linguagem em sua funcionalidade poética. A marcação de elementos mórficos e sonoros da língua, “consoantes e vogais”, deságua no caudaloso leito da página, entranhado “de piabas”, em que pese a precisão do poeta em distrair o leitor de visão referencial da paisagem amazônica para sobrepor uma guinada mítica e superposta à ambiência natural. Daí o limiar do real em expandir-se ao imaginário e poético pelo uso do recurso musical, elemento estético visto aqui como alternante entre o mundano e o mítico, como afirma Paes Loureiro ao enunciar que “a poesia no poema é um permanente religar do mundo dos homens ao mundo dos deuses e mitos” (Loureiro, 2001b, p.275).

Loureiro retrata a relação existente entre criador e criatura, e entre poeta e poesia, mostrando como isso ocorre de forma tão íntima. O poeta cria algo ao partilhar de um estado de total sensibilidade, prazer e sentimentos intensos ao corporificar a poesia. Sobre essa capacidade de criar algo tão único, Paz afirma que “Cada palavra do poema é única. Não há sinônimos. Única e inamovível” (Paz, 2012, p.53). Dessa forma, o poeta materializa, por meio do recurso metapoético, os caminhos e etapas de sua criação.

Em “Poética”, o tom mítico imbuído à atitude criacional, ou à *poiesis* propriamente dita, é deliberado no poema por meio do jogo íntimo do eu-lírico diante da matéria, ou daquilo que é constitutivo do plano do conteúdo, e do material, o plano da forma ou ainda plano expressivo. A essa natureza incriada, cuja existência paira sobre a atitude sensível daquele que é o *Artesão das águas*, Paes Loureiro expressa:

Esse gosto de barro de meus versos
 Esse travo mascavo
 Essa língua original lambendo a cria no poema
 Esse gosto de limo
 Entre os dentes de sílabas grudado
 Esse pretérito futuro em cada estrofe (Loureiro, 2014, p.52)

O poeta, consciente da relação forma-conteúdo inerente à poesia, explora no poema alguns efeitos aliterativos e sonoros por meio da repetição do fonema consonantal “l”, que incide em aproximar o palato ao céu da boca, naquilo que é expresso no verso “Essa *língua original lambendo a cria no poema*” (itálicos meus). Diante desse jogo sonoro, o poeta produz relação paralelística com o “*limo/entre os dentes*” e as “*sílabas*” (itálicos meus), o que consiste em promover efeito sinestético ao largo da leitura dos versos, nos quais emerge ainda a temática do processo criador das coisas, vide o “barro” no primeiro verso (elemento simbólico de suma relevância a tantas culturas e aos seus mitos criacionais).

Note-se que a metapoesia deflagra a dimensão simbólica do mito naquilo que o autor afirma ser “O mito como fala. A fala do real, mitificada no poema” (Loureiro, 2001c, p.298). Sobre essa capacidade de criação poética, Cavalcanti pontua: “o grande apanágio do poeta é o seu poder criador, é ele que o faz divino” (Cavalcanti, 2012, p.102). O poeta, sendo um artesão, cria, de forma única, o poema, sem igual, desenvolvendo sua escrita de maneira singular: “o poeta sabe que ao produzir o poema ele inventa o nome e a coisa, como o criador, ele produz a aparição de uma morfologia e de uma sintaxe do mundo que não se reproduzirão jamais de maneira idêntica” (Cavalcanti, 2012, p.104).

Pode-se perceber a metapoesia presente no poema em questão, corroborando a hipótese de que Paes Loureiro se debruça sobre tal problemática ao longo de sua carreira, tendo em vista, inclusive, que o autor esmiúça, em textos ensaísticos, uma reflexão sobre sua poética: “Seu toque no botão da palavra faz estalar a eternidade no agora, permite brotar por entre as frestas dos fonemas o mais íntimo do ser e a cósmica correspondência das forças do universo” (Loureiro, 2001a, p.273). Nesse momento, o poeta dispõe de uma linguagem própria, única, diante da intimidade com as palavras.

No poema “Poética”, é possível observar a preocupação do poeta ao escolher determinadas palavras para compor o poema:

e eu
 nascituro poeta
 me converto em poema
 e me dissolvo
 em limo esperma lendas e fonemas... (Loureiro, 2014, p.53)

Os termos “Nascituro”, o que irá nascer, “limo”, “esperma”, “lendas” e “fonemas” revelam também como Paes Loureiro se vê em sua criação poética. Como alguém que, ainda antes de seu nascimento, já tinha em si a poesia. Misturando-se em meio às lendas dessa região, aos amores, servindo-se de cada fonema, dando forma e materializando a poesia tão presente e latente dentro de si.

Ora, sendo a metalinguagem uma característica marcante da poesia moderna, capaz de ampliar o rol de possibilidades interpretativas do texto, constata-se aqui que Paes Loureiro, inserido no contexto amazônico brasileiro, tece uma lírica cuja égide é o recurso da metalinguagem imbuída enquanto elemento fundamental ao plano de conteúdo da obra artística. Nos poemas do autor, tais questões fazem devassar uma prospecção de que o próprio poema explique-se sobre si mesmo graças à promoção dos recursos da metapoesia, e que fazem o poeta se converter, ele mesmo, em poema, e ao *locus* real da região amazônica transcender ao plano de conteúdo e plano da forma, metamorfoseando o espaço branco da página em floresta, igarapé, rio, mar, rio-mar e água. A natureza factual transfigura-se em signo poético, revelando uma dimensão estética moldada por componentes extra-estéticos que a complementam e a estimulam.

15

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar, a partir do que fora exposto ao longo desta pesquisa, que o estilo de poesia de Paes Loureiro revela uma distinta escolha de palavras utilizadas para compor os poemas, primando por uma linguagem elaborada que junte ao enunciado estético lexis de campo semântico ligado ao contexto geográfico e cultural amazônico, bem como a um projeto específico de compor o poema à similitude de uma imagética dos rios da região norte do Brasil. Tais formulações poéticas refletem ainda marcas de escrita com uma expressão latente, que busca exprimir um texto híbrido, ora mais prosaico, ora mais lírico,

em jogo formal que transfigura temas locais a um conteúdo que evoca à própria matéria tratada, fato que torna *Artesão das Águas* (2014) prova de uma obra poética que articula temática sobre o fazer de poesia, a *poiesis*, bem como sobre a relação do criador (o poeta) com a matéria criada (a poesia).

A metapoesia se revela em *Artesão das Águas* quando Loureiro faz uso de elementos lexicais que remetem a um contexto amazônico, tais como “rio”, “piracema”, “maiandeuas”, “piabas”, bem como dos seres encantados e das lendas da região, de modo a fazer deles matéria prima para sua criação, transformando o cenário local em poesia e fazendo com que a natureza seja não somente matéria inspiradora, como também fonte da própria criação poética, revelando no poema um projeto literário que se debruça sobre a *poesis* por meio de imagens dessa amazonicidade. Com base nestes elementos, constata-se o estilo metapoético de um autor que, mergulhado nas águas encantadas do rio linguagem, deixa flagrar rastros de uma linhagem poética concebida a partir da modernidade, cujos vates de maior destaque são Celan, Pound e Eliot.

Há similaridades formais e conteudísticas dos poemas de Paes Loureiro aqui analisados com as elaborações sobre o fazer poético encontradas em outras paragens, e cujas temáticas desenvolve reflexão idêntica sobre o processo criativo da poesia. Contudo, o que se observa do objeto de estudo levantado é uma distinta tópica em relação à construção que se auto-reflete e se auto questiona: não é apenas o poema objeto de conteúdo do poema, e muito menos o localismo da Amazônia objeto do poema. A Amazônia torna-se, ela mesma, matéria, forma e signo do poético que se projeta em si mesmo.

À vista disso, é possível desvelar a recorrência enfática da metapoesia na escrita de Paes Loureiro, mais precisamente na obra *Artesão das Águas* (2014), percebida por meio das mais distintas personificações que o autor faz em sua escrita. Como já dito anteriormente, o poeta se vale da representação do cenário amazônico com o objetivo de devassar não somente um *locus* regional, mas também para abordar reflexão acerca de sua poética e da problemática que é colocar em relevo sua própria escrita e também o seu modo de confeccionar poesia. Com isso, o autor pôde fazer desse “equilíbrio inquieto de mistério” (Loureiro, 2001a, p.317), que é a poesia, uma esfinge que se revela ao leitor por meio do recurso metapoético tão presente em sua obra.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos – ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BARBOSA, João Alexandre. *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CARONE, Modesto. *A poética do silêncio - João Cabral de Melo Neto e Paul Celan*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- CAVALCANTI, Geraldo Holanda. *A herança de Apolo: Poesia, Poeta, Poema*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- ELIOT, Thomas Stearns. *O uso da teoria e o uso da crítica: estudos sobre a relação da crítica com a poesia na Inglaterra*. São Paulo: É realizações, 2015.
- ESTEBAN, Claude. Um lugar fora de todo lugar. In: *Crise da razão poética*. São Paulo: Martins Fontes, 1991. p.177-224.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da Lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. São Paulo: Duas cidades, 1978.
- GAMA, Agleice Marques. *Metapoesia em Age de Carvalho: de arquitetura dos ossos a caveira 41*. Belém: Paka-Tatu, 2011.
- LIMA, Enoque Balbino. Metapoesia: para uma poética da poesia. *Semina*, Espírito Santo, v. 10, n. 03, p.95-101, 1982.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. A poesia. In: *Obras reunidas – Teatro e Ensaio*. São Paulo: Escrituras, 2001a. p.317-324.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. A poesia como encantaria da linguagem. In: *Obras reunidas – Teatro e Ensaio*. São Paulo: Escrituras, 2001b. p.275-286.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Artesão das Águas: poesias*. Belém: Paka-Tatu, 2014.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica – uma poética do imaginário*. Belém: Cultural Brasil, 2015.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Entrevista Concedida ao Programa Circuito da TV Cultura*. Belém: Tv Cultura de Televisão, 2016.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. Itinerários do deslendário. In: *Obras reunidas: Teatros e ensaios*. São Paulo: Escrituras, 2001c. p.287-315.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

Enviado em: 20 de setembro de 2024
Aprovado em: 25 de setembro de 2024